

Ode a Lua

Esta quarta edição de Jornalistas&Cia Memória da Cultura Popular, mais uma vez realizada em parceria com **Assis Ângelo**, jornalista e estudioso da cultura popular (<http://assisangelo.blogspot.com.br>), a partir de material que integra o acervo do seu Instituto Memória Brasil, é uma verdadeira ode a **Luiz Gonzaga**, o *Lua*, uma homenagem ao rei do baião por duas importantes efemérides: o 23º aniversário de sua morte, no último dia 2 de agosto, e o início das comemorações por seu centenário de nascimento, em 13 de dezembro. Nela, Assis reproduz entrevista que fez com Gonzagão para o extinto suplemento D.O. Leitura, do Diário Oficial do Estado de São Paulo, em março de 1984, atualiza informações sobre *Lua* e transcreve o primeiro capítulo do livro infanto-juvenil sobre a vida do mestre-sanfoneiro que está prestes a lançar, entre outras novidades. Uma delas ele revelou a J&Cia no último dia 31/7: “Por um desses felizes acasos com que a vida nos brinda, descobri que o rei do baião Luiz Gonzaga tocou e gravou disco ao lado de Pixinguinha e outros craques da nossa música, como João da Baiana, Dante Santoro e Luiz Americano, num conjunto do português José Lemos. Isso antes de ele ingressar como profissional contratado da extinta Victor, em 1941, no Rio de Janeiro.



Assis com uma das peças de seu acervo sobre Gonzaga

Interessante, não é? Luiz realmente era de um talento enorme. Lembro que uma vez lhe perguntei se tocava outros instrumentos. E ele, rindo: ‘Naquele tempo, os cabras eram cobras e eles me engoliriam se eu não tocasse pelo menos um violãozinho, né?’ Eis, pois, uma bela descoberta para os leitores do J&Cia Memória da

Cultura Popular. Certamente traremos outras novidades no livro *Luiz Gonzaga, o Divisor de Águas da Música Brasileira*, ainda inédito, aprovado para captação pela Lei Rouanet, mas ainda sem editora”. Alguém se habilita?

Vale lembrar que já está havendo no meio cultural grande mobilização em torno da vida e obra de Gonzagão por causa do centenário de seu nascimento. Em outubro, por exemplo, Breno Silveira, diretor de *Os dois filhos de Francisco*, lançará o filme *Gonzaga, de pai pra filho*, do qual Assis é um dos consultores. O *Fantástico*, da TV Globo, deve veicular quatro filmetes sobre ele em setembro, de que Assis também participou. *Salve Gonzagão* é o título do CD que o cantor mineiro Téo Azevedo acaba de produzir, com uma música inédita (*Padroeira da visão, Santa Luzia*), parceria sua com o rei do baião, interpretada por Dominginhos – Assis também participa desse disco com um texto sobre a história de *Lua* e um poema (*Um baiãozinho para o rei do baião*), ambos de sua autoria. Em dezembro, a TV Câmara, de Brasília, levará ao ar um especial sobre o rei do baião. No começo do ano, uma grande homenagem a ele já havia sido prestada pela escola de samba Unidos da Tijuca, que foi à Sapucaí e ganhou o carnaval carioca com o enredo *O dia*

em que toda a realeza desembarcou na avenida para coroar o rei do sertão. Isso para mencionar apenas alguns eventos.

Vale lembrar também que, em 2005, por sugestão de Assis, a deputada federal por São Paulo Luiza Erundina fez aprovar no Congresso Nacional o *Dia Nacional do Forró*, comemorado em 13 de dezembro como homenagem ao nascimento dele.

Criador do baião, do xaxado, com músicas gravadas até no idioma polinésio rapa nui, Luiz Gonzaga nasceu pobre e pobre morreu, cantando aboio num quarto de hospital, em Recife.

Com vocês, um pouco da história desse rei.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli



CD que está chegando às lojas, com produção de Téo Azevedo

Eu e Luiz Gonzaga

Por Assis Ângelo

Paraibano de João Pessoa, da safra de 1952, cresci ouvindo no rádio e nos autôfalantes dos parques de diversão a voz possante de **Luiz Gonzaga**, o Rei do Baião, descrevendo as belezas e os sofrimentos do povo de lá, do Nordeste.

Ele era incrível.

Nasceu e se virou no cabo da enxada até bem a idade dos 17, quando por pouco não se transformou num assassino.

Naquele dia quase trágico, um domingo, fim de tarde e de feira, ele estava embriagado e armado de uma faca-peixeira comprada numa banca dali mesmo, de Exu.

O propósito era matar o pai de uma garota por quem estava perdidamente apaixonado e com ela queria se casar.

Mas ele era pobre, muito pobre.

E o pai dela, rico, não queria.

Muitos anos depois ele me contou essa história.

E contou mais, muito mais.

Contou que serviu o Exército, que aprendeu a manejar armas de tiros, que participou de

revoluções e que penou como cachorro vadio nas ruas do Rio depois de sair do quartel e antes de alcançar o sucesso.

Casou-se com uma conterrânea e fã: Helena Neves Cavalcanti, de profissão contadora e professora primária.

Mas não custou a se dar conta de que o casamento não fora uma decisão acertada.

Ela era imperativa e ciumenta.

Tanto que, um dia, durante uma discussão, destruiu suas coisas, incluindo fotos, partituras e discos, além de recortes de jornais e revistas com reportagens a seu respeito.

Como firmar matrimônio se não tinha patrimônio?

Era esse o raciocínio do pai da garota, que se invocou com a petulância do menino Luiz, que era um negro analfabeto e “sem futuro”.

Dona Santana e seu Januário, humildes



meeiros da fazenda Caiçara, não demoraram a tomar ciência do que ocorrera na feira, pois o pai da moça os procurou para rogar em tom de ameaça:

– Vocês deem um jeito no seu filho. Ele quis me matar. Na próxima vez eu não vou tolerar esse tipo de abuso e nem relevar o fato de vocês serem meus amigos. Ele agora anda dizendo por aí que sou frouxo e covarde. Que se cuide!

Era verdade: Luiz agora se pabulava.

Mas quando ele voltou para casa, uma surra o esperava.

Foi “uma surra de lascar o cano”, ele me disse numa gargalhada, virando comigo um copo de cerveja gelada, num bar de hotel em São Paulo.

“Apanhei feito bicho, de mãe e de pai”, revelou.

O pai, Januário, até então jamais lhe houvera encostado um dedo sequer; ao contrário da mãe, Santana, que foi não foi lhe soltava a ripa no lombo, por mau comportamento.

A pisa de fato fora bem dada.

Por isso, inesquecível.

E foi também a que mais lhe fez bem, pois a sua vida mudou para melhor a partir dali.

Aquela noite ele dormiu fora de casa, matutando o que fazer, pois se achava desmoralizado.

No dia seguinte, escondido dos pais e dos irmãos, deu um jeito de vender a sanfona de 80 baixos que comprara havia quase três anos com a ajuda de Sinhô Pereira, o patrão, e pegou um trem de carga rumo a Crato (CE) e de lá até Fortaleza.

Na capital cearense, procurou uma unidade do Exército, a do 23º Batalhão de

Caçadores, e se alistou mentindo que tinha 18 anos.

O Exército o salvou.

– Soldado Nascimento?

– Sim, sinhô. Presente!

Era o sargento a todo pulmão fazendo a formação da tropa de manhã logo cedo e o soldado Nascimento, nº 122, apelidado de Bico de Aço por causa da corneta que lhe fora confiada, respondendo e gostando disso, se orgulhando disso, de ser soldado, de servir o Brasil “através das Forças Armadas”, como dizia enchendo ele próprio o peito.

“Particpei de cinco revoluções, a partir de 30, e não dei nem um tiro”, se orgulhava.

O tempo passou e depois de eu desistir de ser artista plástico ou músico na Paraíba, por absoluta falta de talento, enveredei pelo caminho mais fácil das letras, e de repente me vi jornalista correndo atrás de notícia e à frente da polícia, marcando presença onde tinha de marcar; fosse isso lá na capital, João Pessoa; fosse isso lá em Caruaru (PE), onde editei os primeiros números do jornal Diário do Agreste; ou mesmo em São Paulo, onde arriei as malas e fixei residência, na segunda metade dos 1970.

Minhas estripulias – tudo dentro da lei e da ordem, diga-se – me renderam um processo de Estado (SP), defendido pelo corpo jurídico do jornal Folha de S.Paulo, à frente o dr. Rangel Pestana: fui o último jornalista do País a ser processado pela Lei de Segurança Nacional, antes de levar umas porradas desmerecidas de um tal delegado Fleury, de triste memória.

Luiz Gonzaga serviu o Exército como recruta e como recruta deu baixa depois de dez anos de ações meritórias.

Ele entrou em 1929 e saiu em 1939, com a 2ª Guerra assustando o mundo.

À época, o que se ouvia no rádio era, como hoje, a música dos norte-americanos.

E sem querer voltar para casa com as mãos abanando, num estalo ele inventou seu futuro.

Sua carreira artística se iniciou na zona portuária e de prostíbulos do Rio, tocando foxtrote e boleros, tangos e rumbas, e comendo o pão que o diabo amassava.

Eu o conheci pessoalmente ainda nos 70, na capital paulista.

E o entrevistei várias vezes.

Em vários jornais e revistas publiquei conversas nossas; inclusive na escandalosa

Privê, em agosto de 1981, e na sisuda revista Visão, de agosto de 1984.

Mas uma das entrevistas mais comentadas que fiz com ele saiu na edição nº 62 do suplemento dominical Folhetim, da Folha de S. Paulo, de março de 1978.

Outra foi a publicada no encarte cultural do Diário Oficial do Estado de São Paulo, o D. O. Leitura.

Essa é a entrevista que reproduzimos neste caderno especial.

Foi feita num hotel da rua Augusta, em São Paulo.

Presentes conosco estavam o filho Gonzaguinha, Elba Ramalho e o padre João Cântio, criador, com o poeta repentista Pedro Bandeira e o próprio Luiz, da *Missa do Vaqueiro*.

Nesse nosso encontro o mais famoso filho de Exu conta como estilizou o baião e como introduziu o triângulo na música; diz da importância de um grupo de estudantes cearenses na sua vida, que tinha à frente o ministro Armando Falcão (leia no livro *Eu vou contar pra vocês*); fala também dos parceiros Humberto Teixeira e Zé Dantas, fundamentais para o sucesso de sua carreira;

dos jornalistas **Tárik de Souza** e **José Ramos Tinhorão**; do poeta Patativa do Assaré e do papa João Paulo II, para quem, aliás, prestou uma homenagem ao gravar um compacto simples com a canção *Obrigado, João Paulo* (dele e do padre Gothardo Lemos).

Ainda nessa entrevista uma revelação: que frequentou a escola por apenas três meses.

Um dia eu disse a ele que ia escrever um livro a seu respeito.

E ele soltou uma risada, respondendo com cara de besta:

– Oxente, e tu acha que a minha história dá livro?

Deu.

Antes, em 1952, o poeta-vaqueiro Zeparedi já publicara em versos o livrinho *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, com prefácio do estudioso da cultura popular Luís da Câmara Cascudo (1898-1986).

Em 1966 o paraibano Sival Sá escreveu *O sanfoneiro do Riacho da Brígida: vida e andanças de Luiz Gonzaga*, reunindo muitos momentos da trajetória do Rei do Baião.

Vinte anos depois foi a vez de José de Jesus Ferreira publicar pela Editora Ática

outro longo depoimento do filho famoso de Januário e Santana, em forma de livro: *Luiz Gonzaga o Rei do Baião: sua vida, seus amigos, suas canções*.

Em 1990 publiquei pela Ícone *Eu vou contar pra vocês*, livro com apresentação de José Ramos Tinhorão e Dominguinhos e capa feita pelo desenhista Juez Carvalho.

Em 2006 publiquei também, dessa vez pelo Grupo Trends, *O Dicionário Gonzagueano de A a Z*. Detalhe: parte dessa edição – centenas de exemplares – atirei ao público que encheu a Praça da Sé, na capital paulista, numa tarde de festa que organizamos para lembrar os 60 anos da primeira gravação de *Asa Branca*, a música mais regravaada do cancionista brasileiro.

Na ocasião lançamos também o folheto *Foi voando nas asas da Asa Branca que Gon-*

Você sabia?

– Que no mundo do baião Luiz Gonzaga era o rei, Carmélia Alves, a rainha, Luiz Vieira, o príncipe, Claudette Soares, a princesinha e Jair Alves, o barão?

A Patativa do Assaré

– Sou poeta popular, canto a realidade do sertão, o sofrimento e a miséria do povo. Não sou político, mas em meus versos, na minha lira, falo contra as injustiças e quero ver no meu País a verdadeira democracia.

A afirmação é de Patativa do Assaré (antonímia de Antônio Gonçalves da Silva), septuagenário nascido a 5 de março de 1909 no município de Assaré, no sul do Ceará. Ele fala rimando, cantando:

*Tenho o sagrado dever
De em meus versos defender
O pobre trabalhador
Mostro provas legítimas
Porque sou uma das vítimas
Do Nordeste sofredor*

Patativa é poeta e agricultor. Nesses anos todos ele jamais deixou de plantar uma rocinha. Aliás, é dos frutos que colhe da terra em que vive junto com os filhos (nove) e a mulher Belinha. Da cidade onde mora sai raramente, apenas para um recital ou

outro. Em 1956 publicou o livro *Inspiração Nordestina* e dez anos depois, *Cantos de Patativa*. Em 1970, o escritor Figueiredo Filho fez publicar *Patativa do Assaré*, poemas comentados. Há três anos, a Editora Vozes publicou *Cante Lá, Que eu Canto Cá*, com o subtítulo *Filosofia de um Trovador Nordestino*. Além disso, Patativa do Assaré tem inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em jornais e revistas de Brasil, França e Inglaterra. Agora, ele está sendo estudado na Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universal, sob a orientação do professor Raymond Cantel.

Na Inglaterra, o tradutor dos poemas de Patativa é o professor Colin Henfrey, do Center for Latin-American Studies, da Universidade de Liverpool. A Editora MacMillians, de Londres, acaba de publicar o mais recente livro de Patativa, *Cante Lá, Que eu Canto Cá*.

Patativa tem, ainda, dois LPs produzidos pelo cantor e compositor Raimundo Fagner e lançados pela gravadora CBS. Nesses discos, ele declama algumas de suas poesias. “Patativa é o maior poeta do Brasil, o maior do Nordeste. Ele é um fenômeno”, diz Luiz Gonzaga.



Foto da capa do livro *O poeta do povo* (1999), ensaio fotográfico de Gal Oppido, (esq.) com texto de Assis (dir.), tirada na casa de Patativa em Assaré

zaga escreveu a sua história (Editora Luzeiro), mote em decassílabo de autoria do poeta cordelista Marco Haurélio.

Por meio da portuguesa Carmen Miranda, o baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira chegou ao Exterior. Foi ela que, em 1950, gravou pela primeira vez uma versão norte-americana de baião, incluída na trilha sonora do filme *hollyoodiano Nancy Goes to Rio*.

Logo depois, na Itália, a atriz Silvana Mangano interpretou o ritmo gonzaguiano num dos filmes que estreou, *Arroz Amargo*, cuja música-tema era *Baião de Anna* ou *El Negro Zumbun*, de F. Giordano e V. Roman.

Aquela época, alguns artistas, como Joe Loco e Tito Rodriguez, *O trovador latino*, que faziam um ou outro sucesso nos Estados Unidos com mambos, rumbas e músicas que tais, gravaram baião ou algo parecido.

Os primeiros compositores estrangeiros a tentar misturar o ritmo de Gonzaga e Teixeira com o *rhythm'n' blues* foram os norte-americanos Jerry Leiber e Mike Stol-

ler, autores de *King Creole* e *Jailhouse Rock*, gravadas por Elvis Presley.

O baião chegou torto aos EUA, mas depois eles acertaram o passo e muita gente mais, de muitos países, gravou e continua gravando Luiz Gonzaga e seus parceiros.

A relação de estrangeiros que têm gravado forró e baiões de Luiz Gonzaga, da França à Alemanha, é imensa.

Vai da japonesa Keiko Ikuta (*Paraíba e Baião de dois*) a Dizzy Gillespie (*Pau de arara*), papa do jazz e inventor do bebop, com Charlie Parker; passando por Peggy Lee (*Juazeiro/Wandering Swallow*), Caterina Valente e Edmundo Ros (*Baião*), Los Pascuenses (*Cintura fina*), Lydia Scotty (*Asa Branca*), Georges Henry (*Qui nem jiló*)... Pelo grego Demis Roussos, pela espanhola Ana Belén, pelo flautista nova-iorquino Herbie Mann...

Uma vez, em 1968, foi noticiado que os Beatles iam gravar *Asa Branca*.

Mas foi alarme falso; mesmo assim o Rei do Baião deu entrevistas sobre o assunto.

À época, ele andava em baixa, com a

bossa nova, a Jovem Guarda, os festivais e a tropicália tomando conta da programação das emissoras de rádio e televisão.

Luiz Gonzaga gravou o primeiro disco da carreira no dia 14 de março de 1941.

No lado A, a mazorca *Véspera de São João*, feita em parceria com Francisco Reis.

Do lado B, a valsa *Numa serenata*, só dele.

No correr de toda carreira, Luiz gravou 625 músicas, em 125 discos de 78 rpm, 41 compactos simples e duplos de 33 e 45 rpm, e outros quatro, de 12 polegadas.

Ele é hoje o autor mais regravaado na história da música popular brasileira.

A sua voz está registrada em 266 discos de carreira, fora participações especiais em LPs e compactos de iniciantes na profissão de artista.

Ele deixou também quase 40 músicas inéditas, gravadas por outros artistas em discos de 78 rpm.

Entre fins dos anos 1940 e todos os anos de 1950, Luiz foi o artista mais ouvido no rádio.

Concursos eram feitos para descobrir quem eventualmente seria o seu sucessor.

O vencedor foi Dominginhos, sem concorrência.

Luiz animou campanhas políticas de nomes que iam de Carlos Lacerda, Jânio Quadros e José Bonifácio Coutinho Nogueira, o JB, ao governo de São Paulo; passando por Jorge Paulo e o próprio Humberto Teixeira, que concorreu e ganhou uma cadeira no Congresso Nacional.

O Rei do Baião lotava todos os espaços em que se apresentava, incluindo estádios de futebol.

Depois de receber dezenas de títulos de cidadania, inclusive do município de São Paulo, e se apresentar para o Papa João Paulo II, em Fortaleza, em 1980, ele dizia que poderia morrer tranquilo, pois se sentia realizado.

Diz a lenda que um dia João Gilberto acordou inspirado: pegou um banquinho, um violão e, como não tinha a voz de Orlando Silva, Chico Alves ou Vicente Celestino, afinou a que tinha, ajeitou os cabelos, treinou umas caretas no espelho

e, depois de pegar o balanço do jazz e pedir licença a Geraldo Vandré, respirou fundo, criou a bossa nova e enterrou o baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira por alguns anos. Mas se penitenciou a tempo, compondo e cantando já no seu segundo disco o seguinte:

*Bim bom bim bom bim bom
É só isso o meu baião
E não tem mais nada não
O meu coração pediu assim, só:
Bim bom bim bom bim bom...*

Crime ou castigo?

Não importa.

A bossa nova ganhou o mundo com a mistura do jazz e do samba.

O baião ganhou o mundo com a pureza das armas da terra: sanfona, triângulo e zabumba, mais a voz bonita de Luiz Gonzaga, o rei do xote, do forró, que ele lançou em 1949; do xaxado, que ele lançou no começo dos anos de 1950; da marchinha junina etc..

O Rei do Baião ditou moda.

E sem dúvida: a vida dele foi andar de ponta a ponta por esse País, como no baião *A vida do viajante*, que compôs com o maestro Hervê Cordovil.

Agora o seguinte: Luiz Gonzaga integrou um conjunto musical formado pelo português José Lemos, que chegara ao Brasil com 13 anos de idade.

Desse conjunto participavam, entre outros, Pixinguinha, João da Baiana, Luiz Americano e o pianista argentino Heriberto Leandro Muraro.

Luiz também tocou e gravou com o Regional de Canhoto, depois com Altamiro Carrilho, Carlos Poyares e Dino 7 Cordas, que lhe deu o apelido de *Lua*, para o radialista e ator carioca Paulo Gracindo espalhar mundo a fora, pelas ondas hertzianas.

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga tocava violão e instrumentos de percussão, além de sanfona?

“Eu sou sanfoneiro do povo de Deus”

(Íntegra da entrevista publicada no D.O. *Leitura* nº 22, suplemento do Diário Oficial do Estado de São Paulo, em março de 1984)

Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, conta passagens conhecidas de sua vida pessoal e de artista, explicando como é difícil e longo o caminho que vai do anonimato até a glória.

“Eu trouxe um anel, de bacharel, para o cidadão João Cândia dos Santos. O fabuloso padre João! Padre João Vaqueiro, o grande corredor de mourão do Nordeste, criador da *Missão do Vaqueiro* junto com este seu amigo. Eu e Néelson Barbalho – fabuloso Néelson Barbalho! – escrevemos *A Missão do Vaqueiro*. Nessa canção focalizamos a morte de Raimundo Jacó:

*Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Só lembrando do vaqueiro
Que não vem mais aboiar...*”

É Luiz Gonzaga do Nascimento, o *Lua* (apelido carinhoso dado por Paulo Gracindo nos anos 40), também chamado “Rei do Baião”, falando solto e lembrando, com tristeza e muita saudade, alguns fatos

marcantes de sua vida. Nessas lembranças, uma lágrima teimosa e atrevida ameaça desabar dos seus olhos. Ele não liga, disfarça e a apara com cuidado. Silêncio. Num rompante, o velho “rei” torna a falar:

– Raimundo Vaqueiro, Raimundo Jacó, Raimundo doido, Raimundo meu primo. Ele foi o maior vaqueiro que conheci em toda a minha vida. Aquele, sim, sabia aboiar! Eu conhecia o seu aboio de looonge! Era um grande amigo, tínhamos a mesma idade... Morreu na labuta, morreu no campo, covardemente assassinado. Raimundo Jacó... Raimundo era uma figura, era quase um santo!



Capa do D. O. *Leitura* e a entrevista de Gonzaga a Assis

O velho *Lua*, velho de guerra, doutor da vida, fraqueja. Um nó entalado na goela o faz gaguejar. O choro está perto, mas ele não o deixa sair. O que sai é a sua voz, forte, reboando no ar:

– Mataram ele no mato!

Nesse desabafo, guardado por muito tempo, não há raiva, rancor, ódio qualquer

sinal de vingança. Apenas tristeza.

Luiz Gonzaga é um homem rude e simples. É povo, do povo. E isso ele garante com patriótico orgulho. Pudera. Nasceu pobre entre a gente sofrida do sertão pernambucano. Gente essa que nem sempre tem "o de comer". Bem pequeno, menino ainda, foi morador das terras dos Alencar, família que pelo sobrenome já diz tudo. Houve ocasião que um Alencar disse ao velho Januário: "Esse teu moleque um dia vai virar gente".



Luiz Gonzaga recebe do então vereador Jorge Paulo o título de cidadão paulistano, em 26/6/1974

Foi um elogio, tanto que pai e filho ficaram muito contentes. Mas, danado, como "virar gente" se não havia opções de trabalho ou carreira profissional a se escolher em Exu? Agricultor, sanfoneiro... Sanfoneiro, por que não? Mas mãe Santana não queria. Ela dizia que "isso de sanfoneiro não dá futuro a ninguém". E emendava: "Já basta um em casa", numa referência ao marido Januário, bom tocador e consertador de foles, famoso e querido na região. No entanto, pobre. O menino Gonzaga não se abala. E decide: vai ser sanfoneiro, pobre ou rico.

Corriam os anos 1920, dias iguais, sem nada de novo. Aos poucos ("Devagar se vai ao longe", ensina velho provérbio popular), Gonzaga começa a quebrar a rotina. No morrer das tardes, ele dá algumas escapadelas de casa. Assim, aqui e ali, é fácil vê-lo nos cantos das bodegas com uma sanfona, tipo "pé de bode", pendurada no peito e a descobrir os primeiros acordes. Mãe Santana ainda não sabe, mas o filho começa a ser elogiado: "Como toca esse menino de Januário!". Um tempo mais, os seus admira-

dores começam a lhe dar algumas moedas. Mãe Santana, então, toma conhecimento da atividade do filho. Agora já não liga, faz que não vê. Enfim, o dinheiro ganho por Gonzaga começa a ajudar nos gastos de casa. "Quer ser sanfoneiro? Que seja, mas depois não diga que não avisei". O alerta serve como estímulo. A partir daí, os convites se sucedem. Gonzaga é chamado para animar bailes de casamento, de aniversário, de batizado. Januário se anima: "Gonzaga tem jeito pra coisa", diz.

COMEÇO DA FAMA

Com quase 17 anos, a fama de Luiz Gonzaga começa a se espalhar por toda Exu e redondezas. Com a ajuda de um Alencar, Gonzaga compra uma boa sanfona. Fica afoito, as meninas o admiram e querem

Você sabia? - Que Luiz Gonzaga morreu pobre e cantando aboio num quarto de hospital, em Recife?

namorá-lo. Já é rapagão, já tem na cara até um princípio de barba. Agora se sente homem, "cabra-macho", dono do mundo, importante; fala grosso, quer brigar e tudo. Assim, cheio de si, arma-se de uma faca e sai, certo dia, à procura de encrenca. Discute com um conhecido, Raimundo Delgado. Provoca-o. Delgado, gato escaldado, sai de lado. Evita conversa, discussão, não quer brigar. Isso com certeza, o livro de morte certa. Pois Gonzaga, enxerido, havia, antes, tomado umas boas talagadas de cachaça. Estava com tudo... "Quando cheguei em casa", ele lembra, "levei a maior surra do mundo". Após essa surra, Gonzaga toma outra grande decisão de sua vida: fugir de casa "para nunca mais voltar".

Decisão tomada, Luiz Gonzaga do Nas-

Você sabia? - Que no início da carreira de artista Luiz Gonzaga abriu os espetáculos de Bob Néilson, o primeiro cantor country do Brasil?

cimento abandona Exu e segue direto para Crato, Fortaleza. Em Fortaleza, as Forças Armadas estavam recrutando gente. Era isso o que queria, pois um de seus sonhos era servir ao Exército. Alistou-se sem dificuldades. E, pouco depois, estoura a revolução de 1930. Gonzaga ganha o número 122. O soldado 122 participa da revolução e, no fim, sai vitorioso sem dar um tiro. Ele explica, hoje:

- Eu fui corneteiro, cabra! Entrei no Exército em 1930, com 18 anos. Sai em 1939. Comecei a soprar corneta em Belo Horizonte, no 12º RI. Cheguei em Minas por volta de 1931. Quando sai do Exército, em 1939, eu carregava uma sanfona branca nas costas. Quería tocar, quería aprender a tocar, mas não encontrei professor para me ensinar. Aí comecei a tocar à minha maneira. Acabei criando um estilo. Ainda em 1939, cheguei ao Rio de Janeiro. Não conhecia nada. Lutei como o diabo. Eu saía de casa com a sanfona nas costas e com a sanfona nas costas pegava o bonde andando. A sanfona pesava uns 15 quilos, tinha



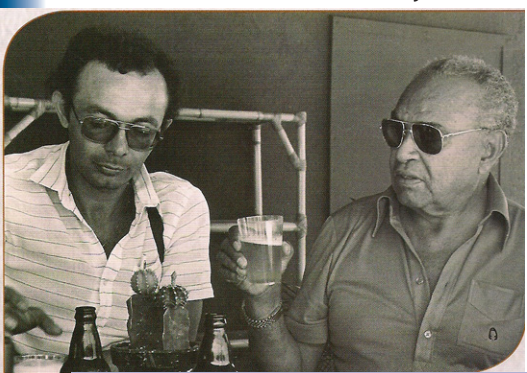
Há mais de 30 anos, Dominguinhos era indicado o sucessor do Rei

80 baixos. Depois, com o tempo, comprei uma de 120, mas não sei pra quê: a gente só usa dois baixos!

Dito isto, o velho explode numa gargalhada de fazer inveja a trovão em noite de tempestade. "É muito baixo", ele repete. Sério:

HUMBERTO TEIXEIRA

- Mas eu acho que quem me fez mesmo foi Humberto Teixeira, depois Zé Dantas. Conheci Humberto em 1941. Ele já era com-



Assis Ângelo e Luiz Gonzaga, num encontro em São Paulo

positor, mas um compositor muito prolixo. Ele só queria fazer coisas exuberantes. Aí eu comecei a lhe oferecer coisas do sertão que ele não conhecia, pois, embora cearense, Humberto não tinha vivência do sertão. Ele começou a estudar em Fortaleza e se formou no Rio. Advogado bem instruído, mas de sertão ele só conhecia de ouvir dizer. Lhe contei minhas histórias, histórias que ele transformou em poesia. Humberto era um grande poeta, só que não era autenticamente nordestino, sertanejo. Depois, surgiu Zé Dantas. Pensei: "Pronto, choveu na minha roça!". Zé Dantas era totalmente sertanejo, nascido no Pajeú, criado no Pajeú. Estudou em Pernambuco e se fez poeta matuto. Fiquei feliz da vida com os dois, Humberto Teixeira e Zé Dantas. Aí me projetei como cantor, mas por causa do Humberto. Antes, como solista, eu havia gravado um monte de porcaria. Naquela época, eu acompanhava muita gente em gravações. Bom, aí gravei a minha primeira música, que já era de exaltação ao Nordeste:

"Lá no meu pé de serra Deixei ficar meu coração..."

Gonzaga se empolga e vai falando, cantando e mostrando músicas novas e velhas. Pagode Russo, por exemplo, que consta do seu último LP, tem uma história curiosa: foi gravada, originalmente, em 1941, sem letra. A letra (Ontem eu sonhei/Que estava em Moscou/Dançando pagode russo/Na Boate Cossacou...) foi composta no ano passado, no Rio de Janeiro, em parceria com João Silva.

BAIÃO

À pergunta: Como surgiu o baião?, Luiz Gonzaga esclarece:

- Antes de mim, ele já existia. Só que ainda não havia se definido como gênero musical. Ele existia como uma característica, como uma introdução que os cantadores faziam na viola. Antes de afinar a viola, cantador faz uma introdução, assim:

Você sabia? - Que, antes de ser artista, o sonho de Luiz Gonzaga era integrar o bando do cangaceiro Lampião?

tom, tom, tom, tim, tim, tam, tam, tam, pam, pam, pam... *minha viola/já afinei o meu bordão.* D-tim, d-tim, t-erém, t-rém, d-dém, d-dém. Ele (o cantor) não fazia essa harmonia (d-tém etc.). A viola do cantor sempre anda desafinada, você sabe, né? Quando ele está afinando, quando ele sente que ela (a viola) está afinada, ele bate no bojo: tchum, tchum, tum... Eu tirei (o baião) dessa batida, eu tirei daqui: tum, tum... (Gonzaga se alegra, está animado). É como se estivesse descobrindo outra novidade. Com a mão direita espalmada, ele bate na perna, com muito ritmo. A sua voz, forte e bonita, se faz ouvir:

*Eu vou mostrar pra vocês
Como se dança o baião
E quem quiser aprender
É favor prestar atenção...*

Ainda Luiz Gonzaga:

– O cantor só faltava dizer isto: *Já afinei minha viola/preparei o meu bordão/ Agora eu vou cantar/Pra ganhar o meu tostão....* Essa coisa, ó: d-tim, d-tim, d-tim...

Eu vou mostrar pra vocês/Como se dança o baião... Só isso. Bordão é aquela corda grossa, que fala grosso. E sempre que o cantor começa a cantar, ele falava: "...o meu baião". Assim: *Aguenta lá o teu baião/Que eu aguento aqui o meu rojão.* Rojão também foi uma criação do Jackson do Pandeiro. Rojão é uma coisa do cantor. Só que essas coisas (rojão e baião) não tinham ainda uma definição e nós (Gonzaga e Jackson) as urbanizamos, aprimoramos, né?

Outro esclarecimento:

– O triângulo (usado como instrumento musical) eu apanhei na rua. O zabumba, não. O zabumba eu já trazia na minha vida. Aprendi a tocar zabumba na Igreja de São João Batista, lá em Exu, na fazenda onde nasci e me criei. Quando eu criei (pus) o zabumba dentro do baião, no Rio de Janeiro, quem me acompanhava era um cearense chamado Catamilho. Na ocasião eu estava pensando em botar uma caixa (tarol), ao mesmo tempo em que procurava um companheiro para tocar o zabumba. Na época eu já era artista e estava de passagem por

Recife. Foi numa rua de Recife que vi um menino vendendo cavaco-chinês: ting-ling, ting-ling, ting-ling, ting-ling. Passou por mim e eu disse cá comigo: "Ôpa, isso dá!" Ting-ling, ting-ling, ting-ling, ting-ling, era o menino lá vendendo cavaco-chinês. Gritei: "Ô, menino, vem cá! O que é isso?". Ele: "Cavaco". Eu: "Me dá um peste desse aí". Ele me deu e eu comi. Fui puxando conversa: "Como é que se chama esse instrumento aí? Ele: "Triângulo". Eu: "Quer vender?" Ele:

"Não, tá doido?" Eu: "Eu pago bem, o que você quiser". Ele: "Não, de jeito nenhum". Insisti, insisti, mas não teve jeito. O moleque não vendeu o danado do triângulo e eu fui embora pesando: "Bom, acho que não vai ser difícil mandar fazer um peste desse não". Aí fui procurar um ferreiro. Falei ao ferreiro o que eu queria e o triângulo foi feito. Achei que não ficou bom, mas dava para começar.

A MÚSICA NORDESTINA



Em 1958, a japonesa Keiko Ikuta gravou Luiz Gonzaga



Disco de 78 rpm com a valsa *Passeando em Paris*



Música para a campanha de José Bonifácio ao Governo de São Paulo



Folheto de cordel especial feito para lembrar os 60 anos de Asa Branca

Você sabia?

– Que o ídolo brasileiro de Luiz Gonzaga era o acordeonista Anténógenes Silva e o estrangeiro, Carlos Gardel, de quem interpretava com perfeição Mano a Mano?

Tinha razão. Isso foi em 1946, quando Luiz Gonzaga quebrava a jura e voltava a Exu, de passagem, para rever os pais. Nessa época boa parte do Nordeste já o conhecia de nome, ele começava a firmar-se definitivamente como autor e intérprete de grande prestígio no cenário artístico nacional. Estava feliz, já podia bater no peito e se gabar de ter "virado gente", como previra aquele Alencar. Mas, curiosamente, Luiz Gonzaga transformou-se no grande artista que é hoje mais por acaso que por intuição ou talento. Se não fosse um pequeno grupo de estudantes cearenses que, uma noite, o viu tocar na zona do Mangue, no Rio de Janeiro, talvez não houvesse passado de um simples sanfoneiro. Esse grupo de estudantes exigiu, do então desconhecido exuense, uma música que falasse, ou lembrasse, do Nordeste. Isso, em 1939 ou começo de 1940. Nessa época Gonzaga tocava valsa, mazurca, tango, foxtrote etc. Tinha vergonha (ou desacreditava completamente) do som nordestino. Som nordestino? Que é

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga fez campanha política para Carlos Lacerda e Jânio Quadros?

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga tocou sanfona para Evita Perón e o marechal-presidente Gaspar Dutra?



Gonzaga, com o pai, Januário dos Santos, em sua casa em Exu, 1972 – Foto Agência Estado



Gonzaga com o presidente da República (1946 a 1951) Eurico Gaspar Dutra

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga compôs e gravou em 1944 uma valsa chamada *Passeando em Paris*, mas que só foi conhecer Paris em 1982, mesmo ano em que assumiu o aumentativo do nome Gonzaga?

que é isso? O diálogo com os estudantes:
– Tu só tocas música de gringo?
– Não.
– De onde tu és?
– De Exu.
– No pé da serra do Araripe, perto do Crato?
– É.
– E com um pé de serra daqueles nunca tocaste música de lá?

Gonzaga prometeu tocar, no próximo encontro. E tocou: “*Lá no meu pé de Serra/Deixei ficar meu coração/... Fez o maior sucesso. “Aqueles rapazes me fizeram uma sugestão que jamais esqueci”, recorda o velho sanfoneiro. “Eles me abriram os olhos para um novo caminho na minha arte: o caminho da música nordestina, da nossa música tão esquecida e deturpada naquela época.”*

Caminhos abertos, novos rumos tomaria a Música Popular Brasileira a partir dos anos 1940. O xote, o xaxado, a toada e tantos outros gêneros musicais com raízes indiscutivelmente fincadas na região nordestina

que ele considera a melhor música de todo o seu repertório. Gonzaga toca bem e canta bem, no entanto ele não se acha um grande cantor: “Que cantor coisa nenhuma, eu sou é cantador!!! Cantador! Sou um contador de prosa, isso é o que eu sou. Comecei a cantar nas novenas da minha mãe, mas eu sou mesmo é cantador!!!! Profissão? Escreve aí: Sanfoneeeeeiro, mô fio, sanfoneiro! Eu sou sanfoneiro do povo de Deus. Cantei para o Papa e o Papa (João Paulo II) me agradeceu, dizendo: ‘Obrigado, cantador.’ Então, eu sou cantador. Cantador é o que eu sou”.

Muito se tem dito e escrito sobre o cantador Luiz Gonzaga do Nascimento, sanfoneiro nascido no dia 13 de dezembro de 1912 (completou 43 anos de carreira artística neste mês de março). E, na medida

começaram, de repente, a ser lembrados, explorados e valorizados no chamado Sul-maravilha, no Brasil inteiro. Por questão de justiça, creditem-se os méritos a Luiz Gonzaga do Nascimento e àquele anônimo e desconhecido grupo de estudantes, que de música sabia apenas gostar. E exigir.

“Luiz Gonzaga é um patrimônio nacional, um monumento, o maior representante da cultura popular brasileira, principalmente da cultura nordestina”, é a cantora paraibana Elba Ramalho falando. Diz mais: “Ele representa a maior expressão do sentimento do povo do Nordeste. Gonzaga é a própria história da cultura brasileira, é o professor de todos nós (músicos e intérpretes). Ele é uma pessoa que criou, que fez, que divulgou, que abriu esse espaço todo que está aí”.

Gonzaga ouve isso e acha graça. Canta: *Por onde eu andei, cantei/As coisas da minha terra/As belezas do meu pé de serra/As tristezas da seca do sertão/... E conta:*

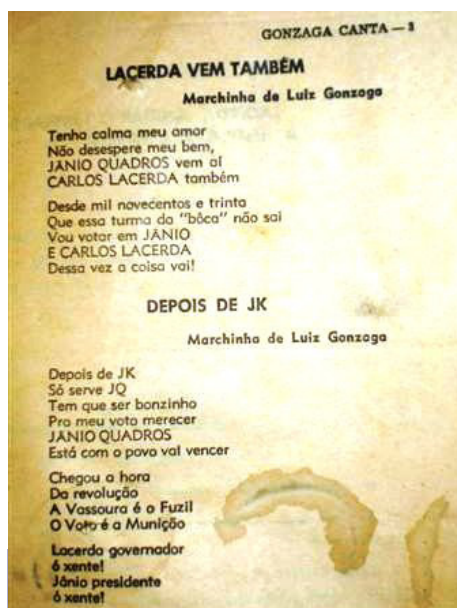
“NUNCA ESTUDEI MÚSICA”

do possível, lê tudo sobre si que é publicado. A crítica?

– Ah, eu leio a crítica. Aliás, tem um rapaz aí que escreve muito bem. É o **Tárik de Souza**. Ele escreve muito bem, é o melhor do País. Agora tem o **Tinhorão (José Ramos)**, mas o Tinhorão é diferente. O Tinhorão é um cara muito culto, ele manda brasa, né? Tinhorão é um tipo Flávio Cavalcanti. Flávio quebrou um disco meu em público por achar que uma música (*Siri jogando bola*) era indecente. Tárik é atual, Tinhorão é mais importante, né? Uma vez ele (Tinhorão) me chamou para me mostrar que antes de eu gravar o baião, o Pixinguinha já tinha gravado. Isso só porque Pixinguinha tinha feito uma introdução na flauta parecida com baião...

– Eu gosto de música, a música está no meu sangue, é um dom do meu pai. Estudar, não estudei. Nunca estudei música. Nunca tive jeito pra isso. Nunca estudei nada. Na escola, fiquei uns três meses. Foi pra lá aprender o pê-querrê. Era o tempo do pê-querrê: a, bê, cê, dê, fê, guê, lê... Isso já deu até música. No tempo do pê-querrê, eu aprendi o a-bê-cê. Daí em diante, eu comecei a juntar letra. Foi assim que eu aprendi a ler e a escrever.

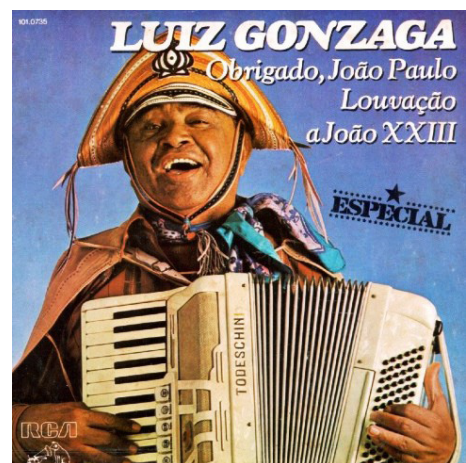
A certeza de ter feito História é, para Luiz Gonzaga, motivo de grande satisfação. Ele conta que revelou muitos artistas nordestinos, entre os quais Dominginhos, Gonzaguinha (seu filho), Abdias e até um poeta: Antonio Gonçalves da Silva, mais conhecido por Patativa do Assaré, autor de *Triste Partida*, um dos poemas mais lindos sobre a dureza da vida do povo nordestino. Gonzaga: “Patativa é o maior poeta do Brasil, o maior poeta do Nordeste. Ele é um fenômeno!” (ver box). Do poeta Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga gravou apenas um trabalho: *Triste Partida*,



Letras dos jingles de Luiz Gonzaga para as campanhas eleitorais de Carlos Lacerda e Jânio Quadros



Luiz Gonzaga e os passos do “xaxá” (xaxado) em O Cruzeiro



Disco em homenagem ao papa João Paulo II



Reportagem sobre os 60 anos de Asa Branca

Você sabia?
– Que dentre todas as mais de 600 músicas que gravou Luiz Gonzaga gostava mesmo era de A triste partida, de Patativa do Assaré, e Asa Branca, dele e Humberto Teixeira?

Você sabia?
– Que depois de beber pra tomar coragem para matar um homem, Luiz Gonzaga jamais voltou a ingerir destilados?

Você sabia?
– Que os pratos preferidos de Luiz Gonzaga eram baião de dois, rabada e cabrito assado?

LUA ESTRELA BAIÃO, a história de um rei

Esse é o título do novo livro de Assis Ângelo sobre Luiz Gonzaga, um infanto-juvenil, ainda sem editor. Diz ele que estará pronto nos próximos dias e que “vai terminar em forró, para a molecada saber o que é bom”: “Nele conto a história de Gonzaga pela boca de uma senhora de 80 e poucos anos, que um dia – no dia do centenário do

Rei do Baião – reúne dez netos e bisnetos, crianças e adolescentes, em sua casa no Brás, em São Paulo. Rolam mil conversas, inclusive sobre o que é o Nordeste, a sua culinária... Coisa pequena”.

Reproduzimos a seguir o primeiro capítulo.

As primeiras lembranças

Naquela quinta 13 de dezembro, de lua nova se abrindo no céu, dona Mocinha amaneceu com um bom humor fora do comum.

Ela estava feliz, pois não tinha um tico de medo de o mundo se acabar no início do verão, dentro de oito dias, como previam os agourentos seguidores do calendário maia, e por isso não parava de cantarolar músicas de que há muito gostava e que lhe marcaram profundamente a vida.

Fascinada pelo cantor alagoano Augusto Calheiros, era dele que ela entoava lá do quarto Sonho de Ilusões, uma valsa de 1953.

A filha estranhou o seu comportamento tão desenvolto, mas não ligou, não fez perguntas.

Dona Mocinha conhecia a sua história de cabo a rabo.

E por achá-la bonita e exemplar, guardara na memória.

Lembrava que o conheceu numa noite de São João.

No forró de Pedro Sertanejo, na zona leste de São Paulo.

Embora disfarçando, era certo que ele naquela ocasião estava sorumbático, bisonho, com uma sanfona de 120 baixos grudada ao peito feito carrapato e tocando quase de graça em tudo quanto era canto para o povo dançar.

Mas ele não fazia mais sucesso como antigamente.

O tempo passara e seria difícil ele voltar a ser o que era, pois o público se afastara dos seus espetáculos de uma hora pra outra.

A razão era a bossa nova que chegava como novidade e todo mundo escutava para talvez mostrar que estava por dentro da

Era bom que ela estivesse assim.

Era bom que ela cantasse.

Quem canta seus males espanta, diz o ditado.

Depois da madorna que nunca dispensava após o almoço, dona Mocinha avisou que ia chamar um punhado de netos e bisnetos para contar a história de um grande artista brasileiro nascido num lugarejo aparentemente sem futuro no Nordeste.

Esse artista dançava, compunha, cantava e tocava sanfona como poucos; e tocava violão também, além de instrumentos de sopro, como pifano; de percussão, como zabumba; e triângulo, que ele um dia inventou de botar na música popular.

E também era assobiador.

moda do barquinho que deslizava tranquilo “no macio azul do mar”.

O movimento jovem guarda, que tinha à frente Roberto Carlos mandando tudo para o inferno, também chegou para atrapalhá-lo.

Os discos de Roberto e sua turma eram vendidos aos milhões, feito pipoca ou banana na feira.

Es dele passavam batidos na programação das emissoras de rádio.

A verdade verdadeira é que já não lhe davam bola.

Por isso foi um tempo muito amargo e difícil aquele.

Tanto que teve uma hora em que ele chegou até a pensar em desistir da carreira e se acabar.

Mas não desistiu e nem se acabou.

Corriam os anos 1960, de muita coisa acontecendo ao mesmo tempo no mundo todo; desde revoluções sangrentas como a do Vietnã a mudanças de costumes e hábitos,

E dos bons.

Um assobiador diletante, mas sem par ou comparação.

Ele imitava tudo no bico, até trinado de pássaros.

E fazia isso rindo, brincando, como se fosse mesmo um pássaro.

Simpático e conversador, fácil, fácil e rapidamente ele fazia amizade com pessoas de quaisquer níveis sociais.

Era uma espécie de azougue, no melhor dos sentidos.

E não havia como não gostar do que ele fazia e da figura simples e brincalhona que ele representava.

Como se não bastasse, ele era de uma inteligência invulgar, fora do comum, mesmo.

como o uso de minissaias, calças boca de sino e cabelos masculinos bem compridos.

O rock e o twist surgidos em meio à rebelião dos jovens norte-americanos faziam um barulho enorme onde quer que fosse.

Os festivais de música popular começavam a virar coqueluche, junto com o movimento tropicalista de Gil e Caetano, na capital paulista e no interior do País.

Dona Mocinha se lembrava disso e de outras coisas.

E ela guardava tudo na sua memória privilegiada.

Maria do Rosário Logoló era o seu nome de batismo, mas ela gostava mesmo era que lhe chamassem de dona Mocinha.

Ela era uma mulher com muita coisa para contar.

Que se orgulhassem disso o marido, os filhos e netos.

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga chegou a anunciar publicamente que iria se candidatar a deputado federal pelo antigo PDS?

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga deu de graça mais de 200 sanfonas a quem ele acreditava ter talento e que a primeira foi para Dominginhos, em 1953?

Você sabia?

– Que Luiz Gonzaga teve obras gravadas em japonês, inglês, francês, espanhol e até em rapa nuí, a língua oficial da Ilha de Páscoa, na Polinésia?

Um pouco mais sobre Luiz Gonzaga

– Roda Gozagueana – março de 2006 (<http://migre.me/aab5A>)

– São Paulo, uma cidade curiosa – julho de 2009 (<http://migre.me/aab9E> e <http://migre.me/aabeN>)

– Altamiro Carrilho e a importância de Luiz Gonzaga para a MPB – 25/2/2012 (<http://migre.me/aabkV>)

– *Lua do Sertão*, música de Assis Ângelo e Oswaldinho do Acordeon em homenagem a Luiz Gonzaga – interpretação de Daiane (<http://migre.me/aabqH>)

– O que é o baião? – entrevista com Hermeto Pascoal, em 2006 (<http://migre.me/aabvi>)

– Dicionário Gozagueano, de A a Z, no programa *Literato* (<http://migre.me/aabAI>)

– Keiko Ikuta interpreta *Paraíba*, de Luiz Gonzaga, em japonês – 1951 (<http://migre.me/aabHv>)

– Programa *De Lá Pra Cá*, sobre Luiz Gonzaga – 7/12/2009 (<http://migre.me/aabLK>)

– Entrevista de Assis Ângelo ao programa *Aplauso*, da Rádio Câmara (<http://migre.net/111o>)

– Vídeo sobre o Instituto Memória Brasil (<http://migre.me/aabQp>)